



História Oral Futebol, Memória e Patrimônio - Mengálvio

Data: 23/09/2011

Entrevistado: Mengalvio Pedro Figueiró

Entrevistadores: Fernando Herculiani e José Carlos Asbeg

Local da entrevista: São Paulo / SP

Transcrição: Soraya de Oliveira Ferreira



Apresentação

“Futebol, Memória e patrimônio: projeto de constituição de um acervo em história oral para o Museu do Futebol”, uma parceria entre o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e o Museu do Futebol, teve por objetivo a constituição de um banco de depoimentos orais (registrados em áudio e vídeo), com jogadores de futebol que participaram do selecionado brasileiro em Copas do Mundo, entre 1954 e 1982. O mapeamento da participação brasileira em Mundiais compreendeu o registro e a análise das histórias de vida desse conjunto de protagonistas. Tendo em vista a realização da próxima Copa do Mundo no Brasil em 2014, a finalidade é fornecer subsídios documentais para que se possa articular a memória esportiva à memória coletiva e à história política do país, durante os últimos oitenta anos, em uma perspectiva crítica e diacrônica.

Os referidos depoimentos foram registrados, tratados e analisados por pesquisadores do CPDOC/FGV, em parceria com técnicos, pesquisadores e investigadores do Museu do Futebol, a fim de constituir um acervo comum a ambas as instituições. A formação deste corpus documental permitirá que se registre e analise o relato de figuras centrais do futebol profissional brasileiro, em particular atletas que se tornaram figuras emblemáticas da identidade nacional.

O projeto reuniu o montante de 55 entrevistas com ex-jogadores (apenas um dirigente, João Havelange, foi entrevistado), que somadas geraram mais de 120 horas de gravação. Cada entrevista têm em média duas horas e meia de duração, e busca percorrer a trajetória do futebol e de vida de cada jogador. O processo de pesquisa, pré-produção, produção e pós-produção de todo material produzido e coletado, ocorreu entre maio de 2011 a novembro de 2012.

As entrevistas em história oral ficarão acessíveis na Biblioteca e Mideoteca do Centro de Referências do Futebol Brasileiro (CRFB/MF), e já estão disponíveis virtualmente, em versão editada pelo site do CPDOC/ FGV¹. O material decorrente da pesquisa também dará origem a outros dois produtos: um livro e um DVD, ficando aberto ainda a futuros pesquisadores e propiciando novas interpretações analíticas sobre o papel dos esportes na construção coletiva da memória nacional.

1 <http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol>



Transcrição

(INÍCIO DO ARQUIVO I)

Mengálvio Figueiró – Aliás, Pedro é o nome do meu avô. E esse nome veio na certidão de batismo na igreja. Mas na certidão oficial mesmo não tem o Pedro, sabe?

Fernando Herculiani – Só Mengalvio Figueiró.

M.F. – Só.

F.H. – Mengalvio, primeiro, nós queremos agradecer muito a sua presença [inaudível], feito o convite, sair de Santos, vir aqui até o museu para conversar conosco para contar suas memórias. Então, primeiro, é um muito obrigado que nós temos para [inaudível] é uma honra ter você aqui no Museu do Futebol. E, para começar, nós pedimos que você fale seu nome, sua data de nascimento, onde você nasceu para nós retomar lá atrás.

M.F. – Bom, meu nome, Mengalvio Figueiró, não é? Eu nasci em Laguna, Santa Catarina – vocês devem saber que Laguna é a cidade de uma grande guerreira, Anita Garibaldi, não é? Vocês devem saber, não é?

F.H. – [Inaudível]

M.F. – Eu nasci em Laguna em 17 de outubro de 1938. Outro erro também na minha certidão: em vez de estar mês de outubro, está mês de dezembro, porque meu pai era muito devagar, que nem eu. Os filhos nasciam, depois ele ia registrar [riso] dois, três meses depois, entendeu? Então, eu nasci em Laguna numa família até certo ponto grande, não é, de 11 filhos – sete mulheres e quatro homens. E todos os homens seguiram a carreira futebolística, não é, foram jogadores de futebol. O engraçado é que meu pai não era nada de futebol; ele era músico. Gostava da música e era maestro da banda da cidade, mas os filhos gostavam de futebol e dos filhos homens, quatro homens, eu sou o mais novo, não é?

Então, nós seguimos assim a carreira futebolística, porque na cidade de Laguna [inaudível] participava do campeonato nas redondezas, que eram times de Tubarão, Criciúma e Ibituba, não é? Tinha um time da cidade de Laguna que se chamava Barriga Verde. Dos quatro homens, eu era o menor, o mais velho tinha 15 anos, 16 anos, e todos eles seguiram a carreira nesse time, entendeu? Inclusive eu. E dali, o meu irmão mais velho chegou à Seleção Catarinense. Era um grande jogador também. Depois veio o Figueiró, jogou no Grêmio Portoalegrense, fez carreira no Grêmio, se consagrou no Grêmio, depois ainda veio jogar no Santos quase no final da carreira dele. O terceiro era também um grande jogador, mas teve problema de joelho. Então, teve de parar a carreira logo. E depois fui eu; eu tive assim... Não é que... Desses meus três irmãos, eles eram jogadores de alta [inaudível], uma técnica bastante elevada. E parece mentira, eu era o mais maneiro, não é? [Riso] Mais maneiro. É que nem eu digo, não? Em toda profissão, você tem de saber, ter a sua qualidade, não é, mas eu acho um fator muito importante a estrela, a sorte da pessoa. E, graças a Deus, eu tive, eu tive essa grande sorte, Deus me ajudou muito. Eu acredito que foram os meus antepassados que me ajudaram muito, me encaminharam. Aí iniciei também no Barriga Verde como já semi-profissional, não é? E depois fui para Porto Alegre, onde meu irmão, Figueiró, já jogava no Grêmio portoalegrense. Eu fui para Porto Alegre para servir ao Exército brasileiro, entendeu? Então, a minha estrela já começou ali em Porto Alegre, não é? O meu irmão já tinha um certo prestígio, um certo nome. O Grêmio portoalegrense de Airton, Ênio Rodrigues, Sérgio... O Grêmio já era uma potência no futebol.

F.H. – Nisso o senhor vai para Porto Alegre, serve o Exército em certo momento, mas [inaudível] Laguna, seu pai, o senhor falou que era maestro. Sua mãe trabalhava? Você e seus irmãos trabalhavam, chegou a estudar, trabalhavam...

M.F. – O meu pai era funcionário público. A minha era doméstica, de casa, não é? Como meu pai era funcionário público, não é, nós só procurava estudar, não é, junto com as minhas irmãs. Mas é que a vida começou a ficar complicada mesmo quando meu pai veio a falecer, entendeu? Eu tinha 8 anos de idade quando meu pai faleceu e o meu irmão mais velho tinha 15. Olha a



responsabilidade que nós tivemos. E nós realmente tivemos muita dificuldade, porque nós perdemos um pai assim de uma hora para outra, e nós ainda éramos de pouca idade, não é? Então, o meu irmão é que assumiu, inclusive assumiu onde o meu pai trabalhava para poder tocar a família para a frente, não é?. A partir dali, já foi uma luta, não é? Meu irmão trabalhando na prefeitura, e eu tinha outro irmão também que estudava, tudo. A maioria [inaudível] largar os estudos para trabalhar. Então, quando meu irmão mais velho chegou na idade para servir o Exército brasileiro, esse meu irmão assumiu na prefeitura para trabalhar no lugar do meu irmão, e ali foi uma escadinha. O meu irmão, Figueiró, assumiu na prefeitura e depois quando foi servir o Exército, eu logo em seguida, assumi também para trabalhar na prefeitura. Então, ali foi uma espécie de emprego de família, porque naquela época, existia isso aí, não é? Quando eu ia completar 17 anos, eu estava trabalhando na prefeitura, mas eu tinha de sair da prefeitura para servir o Exército brasileiro. Então, eu fiquei pensando assim: “Pô, duas coisas que eu gostaria de ser na vida: jogador de futebol ou marinheiro. [Riso]”

F.H. – [Riso]

M.F. – Marítimo, não é? Porque naquela época se falava marinheiro, marítimo. Eu queria viajar. Então, eu completei 17 anos, jogava no time da cidade, mas eu não tinha aquelas grandes pretensões de chegar aonde eu cheguei, não é? Então, eu pensei: “Eu não vou servir o Exército em Florianópolis, porque Florianópolis é uma capital, não é mais uma capital grande que eu pretendo ser, não é? Eu vou servir no Rio de Janeiro.” E na prefeitura tinha um tenente do serviço militar que trabalhava na prefeitura no serviço militar. Então, eu falei com ele: “Oh, eu gostaria de servir o Exército no Rio de Janeiro. Será que dá para arrumar uma vaga para mim lá, para eu servir no Rio e tal?” Ele disse assim: “Vou tentar. Vou ver se consigo.” Então, ele se comunicou com o pessoal lá do Rio, do quartel para uma vaga para mim. Mas não tinha condição; tudo lotado. O tenente se chamava até Pamplona, tenente Pamplona. Gente boa. Falou comigo: “Oh, Gálvio, oh, no Rio de Janeiro não tem condição.” Eu falei assim: “Escuta, e Porto Alegre não dá?”; “Posso tentar”. Aí ele tentou, e realmente abriu uma vaga em Porto Alegre para eu servir o Exército brasileiro. E foi ali que realmente foi o início da minha estrela brilhar, porque eu cheguei

no último dia no quartel-general para me apresentar, me apresentei no último dia, o soldado me atendeu, olhou com medo para mim, ainda reclamou de mim, porque eu cheguei quase na hora de encerrar, não é? Eu disse: “Olha, eu cheguei na hora. Não quero nem saber.” Aí ele olhou: “Espera um minutinho.” Aí já era como soldado, não é? “Espera um minuto aí.”; “Está bom. Estou esperando.” Demorou uns cinco, dez minutos, aí um soldado não veio mais. Veio um sargento. [Riso] O sargento veio, olhou para mim, olhou o documento: “Seu nome qual é?”; “Meu nome está aí. Menglavio Figueiró.” Ele olhou: “Figueiró?”; “É.”; “Você é irmão do Figueiró?”; “Sou irmão do Figueiró.” [inaudível] lá no Grêmio?”; “Sou irmão dele.”; “E você joga futebol?” Eu falei assim: “Jogar eu joga. Agora... [Riso] ...se eu sou bom ou não...” Aí o sargento olhou para mim e falou assim: “Oh, aqui vaga não existe, porque aqui é lugar só para os filhinhos de papai aqui, mas eu sou responsável para formar um time de futebol para disputar o campeonato interno. Eu preciso de jogador.” [Risos]; “É?”; “Eu preciso de jogador. Então, vou arrumar um lugar para você, está bom?” Eu disse assim: “O senhor é que sabe. O senhor é que sabe.” [Risos] Então, a minha estrela começou a brilhar ali, não é?. No campeonato interno do quartel, eu joguei na equipe do quartel. Graças a Deus, me destaquei. Foi quando um tenente me viu jogar, chegou para mim e falou assim: “Ô, Mengalvio...”; “Pronto, tenente.” “... você quer fazer um teste no Aymoré de São Leopoldo?” O Aymoré disputava já o campeonato na primeira divisão. Aí eu olhei para ele: “Faço um teste. Não tem problema.”; “Então, eu vou escolher um dia aí, vou pegar você e vou levar você fazer um teste, está bom?”; “Está, tenente. Estou às suas ordens.”; “Então, está bom.” Aí não demorou muito terça-feira ele já chegou para mim e falou assim: “Mengalvio, eu já acertei para você ir hoje fazer um teste lá no Aymoré. Você topa ir?”; “Vou.”; “Aymoré de São Leopoldo é uma hora de viagem mais ou menos até São Leopoldo.”; “Topo sim. Não tem problema.”; “Está preparado?”; “Estou”. Eu nunca esqueço: ele me botou numa perua bonita, rapaz, que ele tinha, o tenente. Ele me botou na botou na camionete e fui para São Leopoldo. Cheguei lá, o treinador se chamava Luiz [Engrid]² – um nome esquisito, não é? Apresentou-me para ele e ele falou: “Ô, Mengalvio, você está bom?”; “Tudo bem.”; “Você quer fazer o teste?”; “Vou fazer. O tenente...”; “Então, se troca e vamos fazer o teste.”; “Então, vamos.” Parece mentira, eu fui contratado num lance só que eu fiz que até hoje eu não me esqueço. [Riso]

2 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

F.H. – [Inaudível], não é?

M.F. – Eu fiz uma jogada lá, o ponta de lança [inaudível], puxei a bola para trás e o ponta de lança passou para trás e eu saí jogando bonitinho. [Riso] Eu fiz o contrato [riso]. Nessa jogada, eu fiz o contrato no Aymoré de São Leopoldo.

José Asbeg – E a carreira de marítimo...

M.F. – De marítimo foi para o espaço, não é? Ali foi o primeiro contrato profissional que eu fiz. Foi no ano de 1958 mais ou menos. É, 1958. Você nem era nascido.

F.H. – [Riso] Até esse momento, Mengalvio, você jogava lá no Barriga Verde, Laguna... Onde mais? Você torcia para time, ia ao estádio...

M.F. – Ah, naquela época, imperava muito o futebol carioca, não é? Eu não sei qual o motivo que tinha que as rádios só pegavam a estação de rádio só do Rio de Janeiro – era Rádio Nacional, Rádio Mairink Veiga, Rádio Tupi. Então, nós estávamos mais, éramos mais ligados no futebol carioca. Então, na minha família era o seguinte: eu torcia para o Botafogo, o outro meu irmão, Vasco e os outros dois para o Flamengo, entendeu? Então, eu tinha admiração por Botafogo Futebol Clube. E em São Paulo, eu gostava mais do Palmeiras, entendeu? Então, era assim mais ou menos.

F.H. – Você ia ao estádio assistir a jogo? Em Laguna tinham jogos assim...

M.F. – Não. É o que eu estou falando, tinha campeonato assim pela redondeza, era Tubarão, Ibituba, Criciúma... Então, nós só nesses lugares, não é, que tinha o campeonato ali interno. E nós viajávamos de carona, porque eu era ainda menor, eu não estava [inaudível]. Eu disputava num time que era que nem juvenil, se chamava Palmeira, sabe? E quando o Barriga Verde ia jogar, os meus dois irmãos nos levavam – eu e outro que era menor para assistir, entendeu? E ali foi onde nós íamos assistir aos jogos do campeonato catarinense. Não propriamente catarinense, era ali da redondeza [inaudível] – Tubarão, Laguna, Criciúma, Ibituba...



F.H. – Você já jogava nessa posição ali?

M.F. – Jogava no meio de campo. Na meia, conhecia como meia, não é? O outro meu irmão também era meia e os dois mais velhos eram... Um era zagueiro central e o outro era lateral direito. Então, eu segui a posição de meio de campo mesmo, não é? E quando eu cheguei no Aymoré, o Aymoré tinha já um time bem forte e tinha dois jogadores muito bons de meio de campo, se chamavam (Quim)³e Mojica. Eles eram dois jogadores realmente bons, entendeu? Então, o Mojica era desses jogadores um pouco veterano e o Quim, ainda não. Então, quando eu estava servindo o Exército, eu só ia treinar uma vez por semana ou duas, porque eu estava servindo o Exército. Cheguei até a viajar ainda com o time do Aymoré, como reserva ali e tal. A partir do momento que eu parei, saí do Exército, aí eu entrei realmente firme, não é? Foi quando a diretoria do Aymoré, vendo a minha tipo terceira idade de jogador... E justamente eu jogava numa posição de meio de campo, que era do Quim, que era volante, bom jogador. Então, o que eles fizeram? Eles aproveitaram, venderam o Quim para o Internacional para justamente deixar aquela vaga para eu jogar, não é?. O Mojica, que era mais ou menos veterano, parou também e entrou o Fernando, o meia esquerda. Então, o time do Aymoré ficou formado eu e o Fernando no meio do campo. Foi quando nós iniciamos... E o treinador já não era o aquele antes, que tinha mandado me contratar. O treinador já era o Carlos Froner, que vocês devem conhecer, chegou a treinar o Flamengo no Rio de Janeiro, um grande treinador, Carlos Froner, chegou a ser treinador do Luiz Felipe Scolari também. Então, o meu treinador já era o Carlos Froner. Aí eu iniciei na posição e graças a Deus naquele ano em que eu entrei no Aymoré para jogar mesmo firme nós chegamos a ser... Era para ser campeão gaúcho; nós fomos para a decisão contra o Grêmio. Um jogo nos [Eucaliptos]⁴; não era beira rio, era Eucaliptos. Então, nós fomos decidir com o Grêmio. E o empate favorecia o Grêmio, entendeu? Nós estávamos ganhando de 1x0, adivinha quem fez o gol de falta? Eu, Mengalvio. [Risos] Nós estávamos ganhando de 1x0, faltando três, quatro minutos para acabar o jogo, um escanteio contra nós, vocês devem lembrar um grande zagueirão que o Grêmio tinha, Airton, forte, no escanteio

3 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

4 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

contra nós, ele empurrou o [Sulipe]⁵ [inaudível] do São Paulo, era o goleiro, empurrou o Sulipe com a bola, tudo para dentro do gol, e o juiz, na cara, não é, deu gol para o Grêmio. Foi um empate, e no empate o Grêmio seria campeão e nós fomos vice-campeão.

J.A. – Você jogou contra seu irmão?

M.F. – Não cheguei a jogar. Ele já estava saindo do Grêmio já, o Figueiró.

J.A. – Nessa final, não havia dois Figueiró em campo?

M.F. – Não. Não tinha, não. Ia chegar aqui no Santos, porque o Santos contratou ele depois, e nós jogamos um jogo em Taubaté, os dois – eu e ele.

J.A. – A tua história é diferente um pouco nesse início que você fala, não é, da tua entrada no futebol, porque você teve que assumir responsabilidade com os irmãos muito cedo, não é? Você, então, não vivia agarrado com a bola o dia inteiro, não é? [Inaudível] conversa, não é, ficar como todo menino que sonha obstinadamente quer ser um jogador de futebol. Não era uma obsessão para você. Você podia ser ou jogador ou um marítimo, as duas coisas te fariam feliz. Então, é quase casual a tua entrada no futebol?

M.F. – Casual acho que não foi, não é, porque meus irmãos já estavam no métier, não é? Então, se eles já estavam no métier... De mais a mais, o futebol sempre foi a coqueluche dos garotos, não é, e não ia fugir [inaudível]. Qualquer campinho que tinha na minha cidade nós já fazíamos um racha, entendeu? Então, isso já foi já enveredando para o lado do futebol mesmo.

J.A. – Você tinha planos, ao se desligar do Exército, de tentar algum clube?

M.F. – A minha intenção era o seguinte: já que eu estava no métier mesmo, no futebol, eu cheguei... O Aymoré era um clube, um time propriamente pequeno, o salário lá não era lá essas grandes coisas, não é? E atrasava ainda. Se não era o meu irmão, que jogava no Grêmio me dar assistência, às vezes eu não tinha

5 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



nem dinheiro para ir para São Leopoldo, porque atrasava o pagamento e tudo. Então, eu cheguei a seguinte conclusão: aquele ano seria um ano decisivo para mim; ou eu estourava ou eu ia largar, entendeu? Ou partir para outra coisa. Mas, graças a Deus, aquele ano foi um ano brilhante para mim. O Aymoré se destacou, foi quase campeão, houve uma... A seleção gaúcha foi representar o Brasil em Costa Rica no Campeonato Panamericano. E quando chegou a convocação, eu estava lá no meio, convocado, entendeu? O treinador Foguinho me convocou para participar da seleção gaúcha em Costa Rica, Panamericano, onde nós fomos vice-campeão. Foi quando a crônica, principalmente paulista, me viu jogar e começou a me indicar para os times de São Paulo. Então, foi assim, um negócio muito rápido, entendeu? Quando eu olhei, eu estava na frente da minha casa, tinha acabado o campeonato gaúcho, e eu fiquei pensando: “Ou eu vou seguir ou eu vou parar.” Porque [inaudível] no Aymoré ficar naquela agonia, entendeu? É um clube que realmente eu tenho grande consideração, porque afinal foi ali que eu... Mas tinha essa dificuldade. Quando eu: “Pô, acabou o campeonato gaúcho, fui à seleção panamericana...” Isso era fim de ano. Fim de fevereiro, começo de março, eu estava sentado lá na minha casa na varanda lá, sentado pensando. Gozado, eu estava pensando e tal, e de repente encosta um carro, um táxi na frente da casa – Pedro Boticário, n. 84 –, o cara desceu e perguntou: “Aqui é Pedro Boticário, 84?”; “É aqui mesmo.”; “É aqui que mora o Mengalvio?” [Riso] Eu olhei para ele [riso]: “É o próprio.”; “Mengalvio?”; “É.”; “Quero falar contigo”. O cara chegou, um cara decidido, se chamava Arnaldo Figueiredo, empresário. Chegou para mim e falou assim: “Mengalvio...” Mas antes, entenda bem, eu já estava com o espírito mais ou menos preparado, porque eu recebi telegrama do Palmeiras e do Corinthians, dizendo que era para aguardar que seguia um emissário para entrar em contato comigo. Gozado, eu não dei endereço para ninguém, como esses caras descobrem? [Riso] Então, foi assim, não é? Aí desce o Arnaldo Figueiredo. Falou: “Mengalvio, olha, eu vim aqui para levar você para o Santos.” Aí eu pensei assim: “Para onde? Para o Santos Futebol Clube?”; “Qual é a sua situação?” Perante o Aymoré, não é?; falei: “Minha situação é assim, assim, assim.” Tinha uma cláusula, não é?. E o Aymoré, se tivesse um time interessado e se aquela oferta que o time interessado oferecesse para o Aymoré, e o Aymoré não quisesse, ultrapassasse aquela quantia e o Aymoré não [inaudível], eu tinha uma quantia que eu poderia resgatar o meu passe, entendeu? Oh, o Aymoré não quer... O Santos ofereceu um milhão – uma hipótese, não era um milhão

naquela época –, mas o Aymoré não quis, a partir dali, eu podia chegar com meio milhão e depositava que o passe era meu. E tinha o contrato ali direitinho. “É assim.”; “É mesmo, Mengalvio, está assim?”; “É. Você quer ver o contrato?”; “Então, entra no carro e vamos para São Leopoldo.”; “Ih, caramba, o cara é decidido mesmo.”; “Mas...”; “Não. Entra no carro e vamos para São Leopoldo. Vamos resolver isso logo.” [Risos] Ele chegou lá na sede, mandou convocar os diretores: “Eu vou levar o Mengalvio para o Santos.” Aí os diretores olharam um para o outro: “Ah, mas o Mengalvio não está à venda.”; “Não está à venda como?”; “Ah, não está à venda.”; “Olha, eu vou oferecer uma quantia para vocês, se vocês não quiserem, eu tenho o contrato aqui que o Mengalvio pode chegar a uma quantia [e acertar]⁶ o passe dele.”; “Ah, mas não existe esse contrato.” Aí eles mostraram um contrato deles, não é? Eles tinham assim mexido na porcentagem ali de base. Estava um negócio esquisito ali. [Riso] O empresário olhou: “Oh, isso aqui está errado, hein. Esse documento que está aqui não está igual ao que o... Está havendo um problema aqui. Isso aqui até é crime penal, não sei o quê.” Leu o artigo lá. Aí os diretores: “Não. Ele estava assim, não sei o quê.”; “Bom, vamos acertar?”; “Vamos.” [Inaudível], entendeu? Acertou tudo direitinho numa boa e eu vim para o Santos Futebol Clube. No mesmo dia, ele já: “Arruma a mala e...” [Riso]

J.A. – Antes de o Corinthians e o Palmeiras chegarem, não é?

M.F. – Vamos embora. Vamos embora para Santos. [Riso] Mas inclusive eu já acertei a base do contrato já com ele. Ele me explicou: “Oh, a base lá é isso, isso, isso e aquilo. Titular ganha isso, isso, isso e aquilo, pá, pá... Coisa e tal, tal, tal... Não tem isso aí.”; “Ah, então, tudo bem.” A conversa tudo ali. Aí vim com ele para Santos.

J.A. – Sozinho? Você era um garoto.

M.F. – Eu sozinho, mas veio logo em seguida o outro irmão meu, que é dois anos mais velho do que eu, falou assim: “Vai com ele para ver que bicho vai dar isso daí.” E aí eu vim com o outro meu irmão também para me orientar, me ajudar. Chegando em

6 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]

F.H. – Mas, então, o que foi fundamental para a sua ida para o Santos e tudo mais foi essa convocação para a seleção gaúcha representada pela CBD⁷, o Brasil na Costa Rica ganhar...

M.F. – Isso: CBD.

F.H. – Conta um pouquinho para nós como foi esse torneio lá, você já tinha saído do Brasil?

M.F. – Não. Foi a primeira vez que eu saí para o exterior. Foi a primeira vez, e o gozado sabe o que é? Até hoje eu fico memorizando, não é, mentalmente: “Puxa vida, eu participei desse campeonato panamericano com grandes jogadores. Inclusive jogadores que jogaram com meu irmão, o Figueiró, não é?” Porque eu vivia em Laguna e o Figueiró estava em Porto Alegre sozinho. Então, nós acompanhávamos o futebol gaúcho na marra para saber a situação do meu irmão, e o meu irmão se consagrando, jogando com jogadores: Ênio Rodrigues, Airton, Sérgio Torres – o goleiro –, Juarez, Milton, [inaudível], Geissi... Nós acompanhávamos, não é? E depois, agora, eu fiquei pensando assim: “Puxa vida, como foi rápido mesmo, eu fui para a seleção gaúcha no Panamericano e participei de jogar com o Ênio Rodrigues, não é, com Airton, com Geissi, com esses jogadores todos que eu acompanhava desde longe quando eu era ainda juvenil, não é? Então, foi essa... Abri os olhos: “Puxa vida, já na Seleção Brasileira juntamente com esses grandes jogadores que... Então, é um negócio que foi muito rápido comigo, entende?”

F.H. – E era bom esse time, essa seleção gaúcha? Vocês conseguiram bons resultados?

M.F. – Era um puta de um time, rapaz. A seleção gaúcha tinha o Chinezinho que veio jogar no Palmeiras – vocês devem saber, o Chinezinho, que teve uma grande atuação no Palmeiras –, teve o Airton Rodrigues, tudo jogadores de

7 Confederação Brasileira de Desportos.

alto nível, não é? Então, eu penso assim: “Puxa, eu tenho que me reconhecer mesmo, porque realmente eu tive uma participação muito grande no futebol brasileiro, começando desde Laguna, Porto Alegre e depois eu arrebentei a boca do balão e fui para o Santos Futebol Clube.”

F.H. – Nessa sua ida com Figueiredo, você falou...

M.F. – Arnaldo Figueiredo. Já teve até um enredo dessa novela, da minha contratação, sabe? Até hoje eu me lembro, fico dando risada, sabe? Porque o Arnaldo Figueiredo acertou comigo as condições todinhas, não é, para eu chegar aqui no Santos, assinar o contrato e tudo.

Quando eu cheguei no Santos, aqueles diretores que tinham mandado me buscar realmente tinham se afastado – eram até da equipe do [inaudível], Ramos –, havia já uma certa desavença entre eles, então o Rômulo, o [inaudível] Ramos, diretor do [inaudível] se afastaram e entrou outra diretoria, entendeu? Entrou outra diretoria, justamente foi ali que eu cheguei. Quando eu cheguei, estava tudo indefinido, os diretores atuais não sabiam se me contratavam ou não. Aí ficou com aquele lenga-lenga, a ponto de eles quererem chegar para mim e dizer que eu tinha que fazer teste, entendeu? Aí eu falei assim: “O que é?”; “Não. Você vai fazer teste, já que vai [inaudível] pela sua qualidade, fazer teste.”; “Negativo. Não que eu não acredite em mim, eu acredito em mim. Se eu quebrar uma perna, acontecer alguma coisa, o que vai acontecer? Eu não faço teste coisa nenhuma. E digo, oh, de mais a mais...”, porque já estava ficando uma semana, não é, para resolver isso aí.

F.H. – Em Santos?

M.F. – Contrato? Em Santos já. “Contrata ou não contrata? Contrata ou não contrata?” Aí chega uma hora que eu dei a decisão: “Oh, vocês resolvem logo, ou então me deem a minha passagem que eu quero ir embora.”; “Não. Nós vamos sentar com você.”; “Tudo bem.” Aí chamaram o diretor para acertar o contrato. Aquele contrato que eu tinha feito com o empresário [riso], ô rapaz, dava menos da metade, era ordenado de juvenil. Aí eu não aguentei, rapaz, quando o cara falou, eu não aguentei. Aí o Arnaldo Figueiredo tinha vindo, eu falei: “Arnaldo, quer fazer um favor para mim? Pede a minha passagem aí



que eu quero ir embora [de ônibus]⁸.”; “Mas o que houve, amigão?”; “Você fez uma proposta para mim, agora os caras vêm com essa proposta daqui.” Aí o Arnaldo olhou para eles assim – o Arnaldo era um cara inteligente, um cara que tinha acesso no futebol paulista, [com muito escrúpulo]⁹ – : “Oh, eu fiz o trabalho que vocês queriam que eu fizesse, buscar o jogador. O jogador está aí, mas pelo jeito vocês não estão a fim de ficar com o jogador. Agora, tem uma coisa, esse jogador não vai voltar para Porto Alegre.”, porque ele sabia que tinha o Palmeiras me querendo. “Esse jogador não vai voltar, não, hein. Depois vocês não vão ficar [inaudível], está bom? Mengalvio, vamos embora.” Pegou-me pelo braço. Quando a porta abriu para eu ir, eles começaram a gritar: “Não, não. Vem aqui. Vem aqui.” [Risos]

J.A. – Diretores de futebol brasileiro, não é?

M.F. – Aí foi quando eu acertei o contrato. Isso não também estrela que ele tem? Tem que ter essa estrela [inaudível].

J.A. – Mengalvio, quando você está na sua varanda lá em São Leopoldo [risos]...

M.F. – Em Porto Alegre, em Porto Alegre.

J.A. – Porto Alegre. Que o sujeito diz assim para você: “Vou te levar para o Santos.” [inaudível] Rosa Pinto...

M.F. – Aí era outra história.

J.A. – E aquele ataque que já tinha até também, não é... O que passou pela sua cabeça?

M.F. – Pô, eu pensei assim: “Santos Futebol Clube. Santos Futebol Clube.” Apesar de nós não acompanharmos muito o futebol paulista, Santos era Santos; Palmeiras; São Paulo. “Puxa vida, Santos? Legal.” Aí houve esse problema de contrato, tal e tal. Aí acerta o contrato. Aí eu olho lá no plantel,

8 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

9 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

vejo: “Jair da Rosa Pinto, de meia” [Risos] Eu fiquei pensando assim: “Bom...

J.A. – “Onde eu vou jogar?”

M.F. – ...onde eu vou jogar?” [Riso] Mas aí a minha sorte também, estrela minha, o Jair já não estava mais... O Jair não queria nem mais vir treinar, nem nada. Eles estavam em busca de um meia para... O lugar estava vago. Se o Jair quisesse continuar, eu não ia jogar nunca, entendeu?

F.H. – Isso tudo foi no mesmo ano da seleção gaúcha.

M.F. – No mesmo ano. No mesmo ano. Assim, tudo em cima.

J.A. – Tinha um outro jogador que também era dessa seleção e que veio para o Santos, que era o [Calvé]¹⁰, não é?

M.F. – [Inaudível] Calvé, da mesma época minha. Inclusive já reforçou a minha contratação, porque o [inaudível] chegou primeiro no Santos. Foi no mesmo ano, mas ele chegou primeiro.

F.H. – Deu uma ajuda.

M.F. – Aí deu, [inaudível] Calvé. É isso aí. Minha história é realmente sensacional.

J.A. – Você lembra do teu primeiro treino no Santos?

M.F. – Lembro. Claro. Inclusive o Coutinho tira um sarro de mim tremendo, tira sarro e fala: “Esse cara aí é folgado, rapaz.” No treino coletivo que teve, eu era... Pegava a bola e [inaudível], segurava, pá. E numa dessas, eu segurava a bola e não via ninguém para [inaudível], não é? Não via, pá e tal. Ninguém desembocava, ninguém nada, peguei a bola e dei um chutão para a lateral, para fora, não é? “Pô, vocês não aparecem, o que vocês querem?” [Risos] De vez em quando nós tiramos esse sarro...

J.A. – Foi o primeiro treino?

10 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



M.F. – Foi o primeiro treino. “Vocês não aparecem, o que vocês querem?” O cara deu um bico na bola e foi lá para... Entendeu? São coisas que realmente aconteciam no futebol. Aconteceu outra coisa, porque nessa semana que eles queriam que eu fizesse teste, quando eu via aquela coletiva, eu nem me trocava, não é? Eu não me trocava. E do lado, tinha um cinema à noite. O Santos treinava terça à noite para jogar quarta, não é? À noite, nós treinávamos, e do lado tinha um cinema. Então, o que acontecia? “Ah, é coletiva?” Eu ia para o cinema do Santos aqui do lado. Então, eu estava lá vendo o filme, de repente eu via aquele no meu ombro, eu chegava para trás, era o roupeiro, [inaudível]. Olhei para ele: “O que é, [inaudível]?”; “Os homens estão te chamando. [Riso] Os homens estão te chamando para treinar.”; “Fala para eles que eu não treino coletiva, é só física.” [Riso] Eles queriam que eu fizesse teste, não é, e eu não fui [inaudível]. De jeito nenhum. Pô, não tem cabimento.

F.H. – Jogando lá, não é?

M.F. – Pô, na Seleção Brasileira, tudo. Não tem graça, não é?

F.H. – Mengalvio, e nos primeiros jogos do Santos, você começa a treinar, você contou da primeira coletiva...

M.F. – Aí, logo em seguida, tinha uma excursão, não é? O diretor chegou para mim e falou: “Oh, o negócio é o seguinte, oh, a tua luva nós damos, mas nós só damos a metade. Se você for titular logo, você vai receber a outra metade.” Olhei assim: “Está bom. Aceito. Não tem problema.” Aí entrei numa excursão para a Europa, tudo, pá, aí o o homem lá, o treinador: “Vai, Mengalvio.” Entrei no time graças a Deus, não saí.

J.A. – Era o Lula?

M.F. – O Lula. Ah, não deu outra. Quando eu desembarquei lá em Santos, no outro dia eu já estava lá [inaudível] [Risos]. Vou esperar?

F.H. – [Inaudível] tem campeonato paulista, não é? É 1960 [inaudível].



M.F. – É campeonato paulista.

J.A. – Você chegou a jogar nessa campanha?

M.F. – Joguei, joguei. Campeonato paulista. Em 1959, foi o Palmeiras e Santos, não é? Decisão. [Inaudível] foi um ano de decisão. Eu não joguei, porque eu cheguei no de 1960. Aí no ano de 1960 [inaudível].

F.H. – Em 1960 você jogou.

M.F. – O ano de 1960 foi [inaudível] paulista.

J.A. – Você lembra do seu primeiro jogo no Santos, com a camisa do Santos?

M.F. – O primeiro jogo que eu fiz, parece mentira, quando eu saí, entrei no campo e fiquei pensando assim: “Puxa vida, eu não [estou acreditando]”¹¹. Adivinha onde foi o primeiro jogo. No Maracanã.

J.A. – Antes da excursão à Europa.

M.F. – É. Foi o primeiro jogo no Santos que eu fiz. No Maracanã. Quando eu saí do túnel, entrei, eu [inaudível] assim: “Caramba. No Maracanã, caramba.”

F.H. – Para o menino de Laguna que só ouvia futebol carioca, não é?

M.F. – Laguna, não é? E foi um jogo contra o Vasco, que nós estávamos perdendo de 2x0. E no fim nós ganhamos de 3x2. Pelé estava mal. Os caras já estavam até vaiando, faltavam cinco, dez minutos para acabar o jogo. Fizemos três gols; dois gols de Pelé e um gol de [inaudível], 3x2.

J.A. – Você já estreou com aquele ataque? [Inaudível]...

M.F. – É. O Pagão já estava assim... O Pagão é um grande jogador, não é, um jogador fora de série, mas ele tinha problema de contusão. Sempre que tinha contusão, jogava [inaudível]. Então, ali começou a formar aquele time. O Jair já

11 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

tinha parado, entendeu? Então, ficou aquele time, que até hoje, graças a Deus, o pessoal não esquece e não vai esquecer nunca.

F.H. – Nessa época, como era sua rotina em Santos? Morava onde? Como era a rotina de [inaudível]?

M.F. – É outra história também. Eu cheguei em Santos, parece mentira, porque quando você chegava em Santos... Quando eu cheguei em Santos, eu fiquei olhando a entrada de Santos: “Meu Deus, só casarão velho.” [Risos] “Onde eu vim me meter?” Sabe? Dá uma impressão assim... Deu-me uma impressão assim, não é? “Nossa mãe do céu, só vejo casa velha aqui.” Aí atravessou o túnel e começou a melhorar, não é? Quando eu cheguei na Vila Belmiro, foi quando logo de cara [você]¹² falou para eu treinar, não é? Você estava falando...

F.H. – É de onde você morava...

M.F. – É. Isso aí. Aí eu cheguei e tal, acomodação. Então, eu ia ficar na concentração ou ficar em outro lugar. Aí, claro que eu queria morar em outro lugar. E naquela época, tinha uma pensão, moravam os jogadores do Santos, não é? A crioulada toda do Santos. O único branco era o [inaudível] na pensão da dona Jorgina. Eles moravam ali, eram Pelé, Coutinho, Teobaldo, Batista e o [inaudível], e o [inaudível]. Aí tinha um jogador que até hoje eu o considero muito sábio. Ele jogou muito, me orientou muito, um cara [inaudível]. Essa pessoa se chama Dalmo Gaspar, lateral. Então, ele viu que eu ia procurar um lugar para morar, tinha a pensão, e o Dalmer morava em outra pensão, no Gonzaga, n. 15. A pensão, ele ficava lá. Morava ele e [inaudível], que era goleiro. Aí o Dalmo chegou para mim, falou assim: “Mengalvio, ó, tem a pensão dos crioulos, eu vou te levar lá. Você quer que eu te ajude?”; “Ô, Dalmo, fico agradecido.”; “Então, vamos lá, eu vou te levar lá, você vai ver a pensão lá e depois você vai ver a minha, onde eu moro, está bom?”; “Está”. Acabou o treino, e daí fomos lá para a pensão da dona Jorgina. Chegamos lá meio-dia, tinham acabado de almoçar. Quando acaba de almoçar, o que acontece? O pessoal fica devagar, vai, deita um pouco, não é? E lá era bateria, batucada de tudo quanto é lado. Crioulo, o que você quer, não é? Era samba daqui, samba dali. “Nesse negócio aqui eu não vou dormir nunca depois do almoço.” [Risos] Mas tudo bem. “Dalmo, vamos ver a pensão lá onde

12 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

“você mora. Vamos lá ver.” Pô, quando cheguei lá, um sossego, rapaz, tranquilo. [Risos] Eu achei: “É aqui mesmo que eu vou ficar.” [Riso] Então, é um fato assim que eu nunca esqueço, não é? O Dalmo era um cara assim que me ajudou muito, me orientou muito também, não é? Depois [inaudível], era novo, não conhecia Santos nem nada. Aí, graças a Deus, [foi bom]¹³.

J.A. – Voltando a essa sua chegada aos Santos, a esses primeiros contatos, não é, o Pelé já era campeão mundial, um pouquinho mais velho que você, pouca coisa.

M.F. – Não, não. Ele é mais novo.

J.A. – Mais novo. Mais novo. Isso, exatamente. Como foi para você olhar para aquele menino, campeão mundial, [inaudível] crescente no mundo inteiro e você encaixar ali? Como foi seu encontro com Pelé? Como foi sua adaptação? Seu entrosamento?

M.F. – Aliás, foi com todos eles, não é? Eu tive aquele impacto de chegar e encontrar o Pelé já consagrado, não é? Em 1958, o jogador mais novo da Copa, não é? Até hoje, nenhum jogador chegou a fazer o que Pelé fez com aquele [inaudível], não é? Não é isso? Então, eu olhava o Pelé, olhava o Coutinho, olhava o Mauro Gomes de Oliveira – o grande Mauro – [inaudível] Calvé, o grande Zito... Enfim...

J.A. – [Peti]¹⁴.

M.F. – Gilmar, Peti... Então, ficava assim: “Puxa vida, como Deus é bom comigo.” E eu ali só somei, não é? Só somei, só aprendi coisas boas.

J.A. – Tua adaptação foi rápida.

M.F. – Foi rápida. Foi rápida. Então, eu acho que... Nós falamos, não é, “Quem é que formou esse time? Quem foi o cabeça que formou esse time? Eu digo:

13 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

14 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



“Isso aí foi uma obra de Deus”, não é? Deus foi que formou aquele time. Achou direitinho, [inaudível], jogadores já experientes, com uma certa idade – Gilmar [jogou]¹⁵, Mauro, zagueiro central; Zito... Foi coisa de Deus que formou aquele time.

J.A. – O Edu ontem falou que houve uma coisa que ajudou muito ao Santos [inaudível] um grande time, é que os jogadores eram amigos fora do campo também. Você se integrou nessa amizade?

M.F. – Claro que me integrei. É que nem eu estou falando, não é, cada um procurar ajudar o [outro]¹⁶ da melhor forma possível. Foi quando eu falei do Dalmo, que foi um cara que me orientou muito. Até na alimentação ele me ajudava, me orientava. “Mengalvio, é assim, pá, pá...”, entendeu? O próprio Pelé foi um cara que adquiriu também muitas experiências, muitas coisas com a orientação do Dalmo Gaspar; mais do Dalmo, porque o Mauro também era uma pessoa muito inteligente, uma pessoa que sabia nos orientar. São pessoas que realmente nos ajudaram, entendeu?

F.H. – Como era sua rotina no Santos? Morava numa pensão, no Gonzaga, treinava... Como era sua rotina de treinamentos no Santos? Treinamento em geral.

M.F. – Não existia tanto treinamento pesado que nem há hoje, não é? Então, nós só treinávamos ou de manhã ou à tarde, entendeu? Não tinha esse negócio de treinar de manhã, à tarde e à noite. O treino era de manhã, era de manhã; à tarde era à tarde. Naquela época, nós ainda não tínhamos carro para comprar carro, ter carro; era condução, era ônibus. Onde eu morava, na pensão, era na Marechal Deodoro, tinha o bonde ainda, tinha o bonde no canal dois, e eu e o Dalmo saíamos da pensão, o Dalmo era mão de vaca, ele não queria gastar. “Dalmo, nós estamos atrasados, vamos pegar um táxi.”; “Ô, negão, deixa de ser bobo, nós andamos até ali o canal e pegamos o bonde.” [Risos] Era umas quatro quadras mais ou menos. E eu era malandro, não é, não queria andar muito, queria pegar um táxi, mas não: “Mengalvio, vamos a pé ali.” E de fato, nós íamos até o canal dois, o bonde chegava até ali, nós pegávamos o bonde,

15 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

16 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



saíamos lá na frente, na Vila Belmiro. Então, são coisas que realmente nós nunca esquecemos.

F.H. – Aí o time começa a entrosar, não é, em 1962, vocês são campeões paulistas de novo, a taça Brasil...

M.F. – Olha, filho, são tantos títulos, que se tu for perguntar para mim quantos foram, eu não sei. [Risos] Você viu que foram títulos e mais títulos, torneio que nós conseguimos aí fora: Itália, Espanha...

F.H. – E aí em 1962, uma nova [inaudível], não é? O [inaudível] saiu, o Aymoré Moreira assume a Seleção Brasileira. Como é? Você esperava as convocações? Achou que você estaria nesse elenco?

M.F. – Oh, honestamente, sinceramente, eu vou falar para vocês, apesar de eu estar num time daquele... Famoso, tudo, eu não esperava ser convocado. Por que eu não esperava? Porque na época tinham muitos meias bons, sabe? Tinha o Didi, tinha o Benê, o Gerson estava começando, coitado, e era já estrela do Flamengo, mas ele deu um azar que quebrou a perna bem perto da convocação. Então, dois, três dias antes de sair a convocação brasileira, nós fomos fazer um jogo contra o botafogo no Maracanã. O Santos já tinha perdido um jogo amistoso com o Botafogo de 3x1. Tomou [inaudível] Chocolate. O Botafogo saiu do Maracanã, a rixa de perder 3x1. Só que três dias, quatro dias depois, ia ter outro jogo que era perto da convocação, e nós íamos jogar com o Botafogo. E nesse dia, o meu treinador chegou para mim e falou: “Você vai jogar.”; “Tudo bem.” Já era a convocação. Olha, parece mentira, o que eu joguei naquele jogo. Ganhamos de 5x1. Aí não teve outra... Com dois dias da convocação, eu estava lá: Mengalvio convocado. [Riso]

[FINAL DO ARQUIVO I]

(INÍCIO DO ARQUIVO II)



Fernando Herculiani – Então, por que será, não é, porque na Copa de 1958, você estava jogando no Aymoré, estava lá no Rio Grande do Sul, no Exército e tal. E aí nessa Copa vem a convocação. Como foi essa emoção? O que passou na sua cabeça? O que você pensou nessa hora?

Mengálvio Figueiró – Sabe o que é também? Eu sou uma pessoa que eu fico feliz, contente, tudo. Mas talvez se eu tivesse mesmo essa qualidade de querer ser isso, ser aquilo, acho que eu não ia conseguir. Mas como eu sou uma pessoa que eu entrego assim... Eu não me emotivo muito assim, eu fico muito... Entendeu? Eu sou frio. Frio, entendeu? Então, quando aconteceram todos esses lances comigo, eu fico tudo normal, parece até que... Entendeu? Agora, hoje, hoje, eu chego à conclusão de que realmente eu tinha que ficar mais vibrante, não é, de chegar aonde cheguei, como foi, como não foi, não é? Eu fico mais agora feliz e emotivo por causa disso daí, mas na época, eu era garoto também, não é, não ligava muito.

F.H. – Depois é que vai entender o que significa.

M.F. – Depois que vai entender o significado. Ver realmente o que foi, não é? A importância. Você vê jogadores hoje almejando, querendo seguir carreira, chegar à uma Seleção Brasileira, fazem de tudo, se esforçam, vibram, não é? Isso aí eu consegui. Então, eu tenho que sentir feliz sobre isso aí.

José Asbeg – Mengalvio, você entra numa posição de meia direita. Na época, tinha essa mesma denominação, não é? Quer dizer, tem uma linhagem extraordinária de jogadores: Zinho, Didi, o Jair...

M.F. – O Walter, Walter Marciano.

J.A. – Depois você, Gerson...

M.F. – [Dorico Gonçalo]¹⁷.

17 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



J.A. – Como você definiria o seu estilo em relação a esses outros grandes jogadores?

M.F. – É o que eu falo. Às vezes é estilo, estilo. Cada um tem o seu estilo, entendeu? Didi era o maestro em meio de campo. Didi e Jair da Rosa Pinto se colocavam num setor do campo que eles manipulavam o time, não é? O Didi, o Jair da Rosa Pinto, depois veio o Gerson. Eram todos meias que ficavam quase fixos naquele setor, e é um setor importante. Tinham outros meias que já eram mais... Corriam mais. Eu acredito que o Zizinho que era assim. O Zizinho ia lá embaixo, pegava a bola e vinha costurando, como se fosse [inaudível]. Quase igual ao Zizinho, o Antônio Fernandes – Toninho Fernandes –, eu não vi ele jogar, mas pela característica que me falaram, ele era igual ao Zizinho, carregava bem dizer quase o time. O Estefano do Real Madrid sempre ouvi dizer que ele ia lá, pegava [inaudível]. Cada tinha o seu estilo, não é? Eu tenho o estilo mais ou menos fixo no meio de campo, não é? Nós preservávamos muito o posicionamento, não é? E naquela época, era 4,2,2, não é? Às vezes, 4, 3, 3. Mas não tinha essa aglomeração de tanto jogador também ali no meio de campo, entendeu?. Então, o Zito era um jogador que corria muito, era um jogador [inaudível], ele corria. Agora, eu podia ser que nem o Zito? Junto, correndo que nem doido – doido que eu digo é a característica, entendeu? [Risos] Então, eu tinha que segurar o piano e o Zito corria, entendeu? Mas eu dava aquele... Eu era uma pessoa... Não é que eu era craque. Eu era uma pessoa com estilo útil, importante para o time, para vibrar, para dar ritmo ao time, que nem hoje tem que ter. Hoje também tem que ter um jogador desse estilo. Tem que ter, não adianta. Podem inventar o que for, mas tem que ter um jogador de meio de campo com essa criatividade, esse [inaudível]. Essa é a minha opinião, não é?

J.A. – Eu discordo de você [inaudível].

M.F. – Hoje em dia, está cheio de [nequinho de futebol]¹⁸ aí, entendeu?

J.A. – Eu discordo de você numa coisa: você era craque, sim. Você era craque, sim. Você era magistral, deixar registrado isso. Agora, é mais fácil jogar num time como aquele do Santos ou é mais difícil, porque só tinha craque lá?

18 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



M.F. – Não é. Fácil não é, porque você tinha que ter um QI também elevado para poder acompanhar, se não não ia acompanhar. Você ia ser chamado de burro e idiota toda hora. [Risos] Tinham aqueles que realmente não dava para acompanhar. É o caso do Pelé, na minha opinião, e do Coutinho. O Coutinho tinha um QI fora de série ali dentro do jogo. O Pagão também tinha um QI já diferente do Coutinho. O Pagão já descia, vinha pegar a bola e distribuía jogo, tinha um QI elevado, entendeu? Esse negócio de dizer: “Ah, fulano é melhor do que outro, fulano é isso.” Cada um cada um, gente, na minha opinião. Eu não sou o dono da verdade, não.

F.H. – Como foi esse período de preparação? Vocês embarcam aqui em Santos para o Rio de Janeiro? [Como foram]¹⁹ esses treinamentos até...

M.F. – Ah, Seleção Brasileira é um caso sério. Você tem que ter paciência e espírito para pegar uma Seleção. Quando eu fui convocado, meu filho, na minha posição tinham uns três, quatro, tudo jogadores bons, jogadores de alto nível, entendeu? Eles convocavam um monte, trinta, quarenta jogadores, para depois ver quem é que vai ficar, quem não vai. Já pensou? Na minha posição, tinha Benê, tinha Chinezinho, [inaudível] – era volante –, Zequinha, volante. Mas [inaudível] tinha Benê, Didi, Chinezinho... Muitos ficaram fora ainda, eram bons jogadores. Dorico, jogou no Vasco; Capitão, Gonçalo. Naquele época, tinham grandes jogadores. Então, eles convocavam quase quarenta jogadores, depois eles iam vendo quem ia ficar, quem não ia ficar. E nós tínhamos que estar preparados para isso.

J.A. – E era uma responsabilidade [inaudível], Mengalvio. O Brasil já tinha conquistado 1958. Então, era...

M.F. – Já era uma obrigação para ganhar, não é? Agora, eu sempre falo e digo, foi importante a Copa de 1962? Foi. Foi a de 1970. Tudo bem. Mas, para mim, na minha opinião, a melhor Copa do Mundo que o Brasil conseguiu, que eu digo assim que foi muito importante mesmo foi 1958. Sabe por quê? Porque o Brasil perdeu a Copa de 1950 no Maracanã. Era favorito, não é? Perdeu para o Uruguai. Aí depois teve 1954, na Europa, também perdeu. Quando foi 1958,

19 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



na Suécia, o Brasil na cotação não era favorito. Não era. Estava descartado o Brasil ser campeão em 1958. E saiu daqui desacreditado. Foi ou não foi? Vocês não estavam na época, mas podem perguntar [inaudível] futebol brasileiro da minha idade mais ou menos sabe muito bem.

F.H. – E para você como era? Você sai do Sul, vem [inaudível].

M.F. – O Brasil sai daqui desacreditado em 1958. Só que quando eles viram, eles abriram o olho, o Brasil estava decidindo a Copa do Mundo. Aos pouquinhos, o Brasil foi indo lá e ganhou a Copa. Então, eu acho que a Copa muito importante mesmo que o Brasil teve.... As outras foram [inaudível]. Eu não fui, não. Eu não fui. Foi Didi, foi Belini, foi Nilton Santos, Gilmar, Castilho, Djalma Santos, [inaudível]... Foram todos jogadores que...

J.A. – O Zito diz que 1958 foi um marco no futebol brasileiro. Que até então, os jogadores eram tratados assim quase que amadoristicamente. A preparação de 1958 foi uma preparação muito responsável, o preparo físico...

M.F. – A organização que o futebol brasileiro teve que adotar, porque não era [inaudível], porque naquela época, quando um time brasileiro chegava na Europa, não era qualquer hotel que aceitava. Era mal-visto porque a [inaudível] time clube do futebol brasileiro carregava tamborim, cavaquinho. Chegava no hotel, fazia samba, fazia isso [inaudível]. No avião, a mesma coisa. [Riso] Quando chegou 1958, mudou completamente. A CBD deu uma cartilha para o jogador obedecer aquela cartilha. E mudou.

J.A. – E a de 1962 foi a mesma organização?

M.F. – A mesma organização. O mesmo pessoal que foi em 1958 foi em 1962, o médico [inaudível], o treinador foi o Aymoré Moreira, antes foi Fiola, não é? Entendeu? Mas a comissão técnica em si foi tudo igual. E também a maioria dos jogadores foi quase tudo igual.

F.H. – O que se fala dessa grande preparação é da figura do dr. Paulo Machado de Carvalho.

M.F. – Machado de Carvalho, não é? com todo respeito, não é, nós chamávamos de Cabeça de Manga, não é? [Risos] [Inaudível] dr. Paulo, não é?

F.H. – Mas ele conversava com vocês mesmo?

M.F. – Conversava, conversava. [Inaudível], Paulo Machado de Carvalho. Tinha um outro que era o braço direito do Paulo Machado de Carvalho e do João Havelange. Aquele era [inaudível] mesmo gerente, hoje se chama gerente, não é? Tem plena autonomia, se chamava – já foi também – Carlos Nascimento. Esse realmente era o homem que levava o negócio... Quando você [inaudível] ele já estava atrás de ti, você não podia fazer nada que ele já estava de ti, o homem parecia um fantasma. Tu não via nada, de repente, ele já estava atrás de ti vendo o que você estava fazendo, se chamava Carlos Nascimento, que aliás foi um dos maiores admiradores meu, não é, que gostava muito de mim. Carlos Nascimento, não me esqueço dele. Fluminense roxo.

F.H. – Você chegou a jogar nessa preparação da Seleção, nos jogos? Como foi aqui no Brasil? Não na Copa, na preparação.

M.F. – Amistosos.

F.H. – É.

M.F. – Amistosos eu joguei, sim. Eu joguei, foi até um fato até gozado, assim pitoresco, porque naquele tempo também existia muito bairrismo, não é? Carioca, paulista, esses negócios todos, não é? Então, foi no Maracanã contra o País de Gales, não é, e a comissão técnica gostava de testar os jogadores psicologicamente, não é? Então, se o jogo era no Maracanã, o que eles tinham que fazer? Colocar o jogador do Rio ali para jogar, não é? [Inaudível], não é? Eles, não. Eles colocavam jogadores de São Paulo para testar como nós íamos reagir. Dito e feito, rapaz, quando a Seleção Brasileira entrou para jogar contra o País de Gales, o ataque era todinho do Santos, só o Garrincha na ponta direita. Aí você via cartazes grandes assim, falando assim: “Aymoré Moreira, cadê o Amarildo? Aymoré Moreira, cadê o Didi? E eu estava jogando no lugar do Didi. [Riso] Entendeu? Então, nós entramos nesse jogo [inaudível], só o Garrincha na ponta. E nós demos um show lá, ganhamos o jogo...

F.H. – Você tinha esperança de jogar em outros jogos da Copa? Ou você já sabia que o time já estava mais ou menos pronto?

M.F. – É que nem eu estava falando, não é, eu já tive aquele privilégio de ser convocado, joguei alguns jogos amistosos já, nós ganhamos o jogo... Agora, eu já sabia que eu não ia desbancar o Didi, certo? O Didi [era centro]²⁰. Eu não ia para jornal, eu não ia entrar gritando e dizer: “Eu sou melhor que o Didi.” Não. Eu ficava na minha. Acontecia a mesma coisa com o Vavá, do Amarildo com o Pelé, do [Peti]²¹ com o Zagalo. Então, nós tínhamos uma certa noção que na hora do vamos ver esses aí é que vão entrar. Não tinha cabimento mesmo de eu desbancar o campeão do mundo.

F.H. – Campeão do mundo.

M.F. – É. Campeão do mundo.

J.A. – Melhor jogador da Copa de 1958.

M.F. – É. O homem foi maestro.

J.A. – Como foi jogar ao lado do Garrincha? Como foi conviver com o Garrincha?

M.F. – O Garrincha... Falar do Garrincha é a mesma coisa que falar do Pelé, não é? O homem era danado.

F.H. – Aí, em 1962, começa a preparação no Rio, jogos contra o País de Gales, Paraguai, e vocês desembarcam no Chile. Como era a torcida, a imprensa? A expectativa era boa? O clima era bom?

M.F. – Era bom. Arrumaram uma cidade afastada de Santiago, que se chamava [inaudível] Del Mar, não é, cidade onde fica o [inaudível]. E nós nos alojamos nessa cidade, ficamos fazendo treinamento lá nessa cidade. Eu não me lembro

20 A palavra mais próxima do que possível ouvir.

21 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



agora qual foi o primeiro jogo.

F.H. – Foi contra o México. Brasil de 2x0.

M.F. – Mas o estádio ou a cidade.

F.H. – Ah, a cidade? Acho que foi [inaudível] Del Mar mesmo. Acho que foi [inaudível] Del Mar.

M.F. – A decisão é que foi na capital, Santiago.

F.H. – Você lembra desses jogos da primeira fase, que o Brasil joga com o México, com [inaudível]?

M.F. – Eu me lembro, o que está aqui na minha memória quando nós jogamos com a Espanha. Foi com a Espanha?

F.H. – Foi, 2x1.

M.F. – 2x1, não é? Não foi esse jogo que o Amarildo machucou ou estava jogando?

F.H. – É. O Pelé machuca contra...

M.F. – O Pelé, o Pelé.

F.H. – O Pelé machucou contra a Checoslováquia e aí entra o Amarildo...

M.F. – Aí o Amarildo entrou contra a Espanha, não é? O problema aí estava aí. O Amarildo substituiu o Pelé, não é? Isso foi uma senhora responsabilidade, não é? E nós procuramos de toda forma dar apoio para ele. E, de fato, começou o jogo, ele estava bastante nervoso. Lances que aconteciam... É quando eu falo, não é, tem que ter aquele cara de personalidade e de força. O Zito gritava com ele. O Zito era... Gritou com o Pelé. Por que não vai gritar com o Amarildo? Ele deu um berro com o Amarildo, o Amarildo levantou a cabeça e começou a

melhorar.

J.A. – Quando o Pelé se machucou, vocês achavam que o Brasil podia não ganhar a Copa?

M.F. – Não. Nós ficamos com medo, com receio, não é? Eu vi a distensão que ele teve; foi uma distensão que até hoje eu nunca esqueço. Os nervos dele pareciam que iriam saltar da coxa, sabe? Aí eu olhei assim e disse: “Hum, esse não vai jogar mais essa Copa. Pelé, caramba. Vamos ver o que vai dar, não é?” Aí, puxa vida, baixou um santo lá no Garrincha, o homem fez gol até de cabeça, rapaz. [Riso] Seu Mané.

F.H. – Esse jogo da Espanha que você citou falam que era um grande jogo da Copa para o Brasil, porque a Espanha era um grande time...

M.F. – É. Era um time inimigo do Brasil, não é? Um time que tinha a gana de ganhar, queria ganhar do Brasil, não é? Ainda mais que o Didi andou jogando no Real Madrid e não se bicou muito com o Estefano, não é? [Riso] Houve um... O Estefano... Sei lá o que houve entre os dois. Então, já foi criado até certo ponto clima assim meio... Mas no fim ganhamos o jogo, não é?

J.A. – O pênalti do Nilton Santos, que ele dá um passinho para fora da área. [Riso]

M.F. – É, é. Fora da área. Tudo é manha. Tudo...

J.A. – E você naquela época vocês não tinham banco reserva, não é, vocês assistiam da arquibancada, você via lá os outros jogadores das outras seleções da sua posição, você pensava: “Aquele cara é um...”, chamava a sua atenção?

M.F. – Não, não. Nós ficávamos isolados lá, botávamos o nosso abrigo e tal e íamos lá torcer para ver o que ia dar, não é? Entendeu?

F.H. – O Brasil joga com a Inglaterra, tem a semi-final contra o Chile, não é, que o Garrincha é expulso... Você lembra disso? Porque gerou uma confusão, não é, porque...



M.F. – É. Uma confusão, expulsaram o Garrincha. O Garrincha fez de tudo, viu? [Risos] O Garrincha é que nem aconteceu com o Almir no Santos contra o Milan no Maracanã. Campeonato Mundial Interclubes.

J.A. – 1963.

M.F. – Nós precisávamos ganhar de uma vantagem de dois gols, e o Pelé estava machucado. O Pelé, Calvé, Zito, o Almir entrou. O Almir foi o pivô daquela vitória do Santos no... Ele armou mesmo, é um grande jogador, era um grande jogador e um jogador temperamental mesmo e ele perturbou mesmo os italianos. Até hoje, o Maldini não quer ver o nome do Almir na frente dele de jeito nenhum; o Maldini, o [inaudível]. Esses aí não querem ouvir o nome do Almir na... Porque o que o Almir fez... [Riso]

F.H. – Tinham brasileiros nesse time do Milan, não é?

M.F. – O Dino andava jogando no... Mas ele não jogou não, o Dino.

F.H. – É. Ele machucou no jogo de lá.

M.F. – Entrou um peruano, [Rivera]²², no lugar do Rivera. Rivera era um grande meia que tinha no Milan.

F.H. – Acho que estava o Mazola só no ataque.

M.F. – É. Do Brasil tinha o Amarildo e o Mazola. Amarildo jogava na ponta esquerda e o Mazola de centro avante. E tinha o [Dino Sani], que não jogou. Entrou um peruano lá. No segundo jogo, o treinador botou esse peruano para jogar no lugar do Rivera, porque o Rivera era um jogador técnico. Técnico mesmo, um senhor jogador. Mas esse segundo jogo era um jogo pesado. Então, o que ele fez? Tirou o Rivera e colocou esse peruano, [Benites]. E o jogo foi pesado mesmo, mais pesado mesmo que... Foi quando nós ganhamos de 1x0

22 A palavra mais próxima do que possível ouvir.



nesse [terceiro] jogo, foi pênalti – gol do Dalmo. O Pelé não jogou, o Zito não jogou. Então, é por isso que eu falo, não é, o Pelé era outra coisa... Mas sem ele... E tem mais, quando nós entramos, o Milan era um time bem estruturado tecnicamente e tudo. Com um, dois toques, eles já estavam lá dentro da área. Dez minutos de jogo, 2x0 para eles, pô. O que nós tínhamos? No segundo tempo, viemos com tudo. O tempo mudou, chuva, em vez de ajudá-los, que estavam a jogar mais com o campo pesado, ajudou mais a nós. Aí começou a ter falta aqui, falta ali, [técnico] batia... Ganhamos o jogo.

F.H. – Em 1963, antes da [inaudível]

J.A. – Meio do campo foi Lima e você?

M.F. – Eu e Lima. E o Almir no lugar do Pelé. O Haroldo no lugar do [inaudível].

F.H. – Mas só para nós terminarmos lá voltando da Copa, a final o Brasil joga com a Checoslováquia, 3x1. Vocês estavam na arquibancada. Você lembra desse momento? As festas, [empolgado] por ser campeão do mundo...

M.F. – Foi na capital, não é? No Chile, no hotel. Eu me lembro do hotel no centro de Santiago, não é? Uma coisa que nós nunca vamos esquecer. Embora não fosse na nossa casa, não tinha essa grande demanda de torcedor que nem tem hoje, não é, você vai jogar em tal país está cheio de brasileiro, não é?

F.H. – É. Tem brasileiro...

M.F. – Eu fui convidado para assistir ao jogo Santos e Penharol no Uruguai, pô o que eu vi de brasileiro lá, torcida brasileira, rapaz, eles estavam quase tomando conta da torcida do Uruguai.

F.H. – Mas e os chilenos apoiavam quem? Brasil? Checoslováquia? Como era?

M.F. – Nem imagino, viu? Eu achava que... Sei não, nós não éramos bem-vistos, não.

J.A. – Pô, eliminou o Chile na semi-final.

F.H. – É. Isso. O campeão do mundo o que significou para você?

M.F. – Tudo, não é? É um título que fica para o resto da tua vida. E é sempre lembrado, não é? Campeão do mundo de Seleção e campeão interclubes. Marca muito na vida de um jogador, não é? Entendeu? E é muito importante para nós, para o jogador. Acho que o jogador atual tem que se esforçar. Quando for convocado, tem que ser convocado e dar de tudo, não é, para servir o seu país da melhor forma possível, porque isso aí fica marcado mesmo. Entendeu? Fica marcado.

J.A. – O fato de você ter estado no grupo campeão do mundo mudou a sua relação com o Santos?

M.F. – É claro, não é? Claro. O Santos quando [inaudível] profissional tinha que ter aqueles jogadores campeões do mundo. Pesava ali, não é?

F.H. – Nessa volta para o Brasil, calor popular, encontro com o presidente... Como eram essas emoções?

M.F. – É o que acontece hoje, não é, só que hoje é mais agitado. Naquele tempo também tinha, o povo brasileiro apoiava... O jogo contra o Milan era no Maracanã lotado, rapaz, e o Santos de São Paulo... Entendeu? Então, o povo, o torcedor era grande também, mas hoje eu acho que é mais ainda, não é? Aí você fala: “Mas você se motivava muito com esses tipos, tudo?” Realmente, eu não me tocava muito. Mas depois que eu vi o Internacional ser campeão mundial interclube, quando chegou em Porto Alegre, eu vi na televisão aquele estádio lotado, aquele povo assim, eu fiquei olhando assim: “Caramba, eu fui também?” [Risos]

F.H. – Eu fiz tudo isso, não é? [Riso]

J.A. – Duas vezes. [Riso]

M.F. – “Pô, eu tive esse título também, rapaz?” Olha o povo [inaudível], como é que... Aí caiu a minha ficha. Pô, tem que valorizar, não é?

F.H. – E o Pepe contou uma passagem interessante para nós da chegada de vocês. Você conversou muito com o João Goulart. Você lembra disso? Não?

M.F. – É. São coisas que... [Risos] O Pepe sempre começa a inventar histórias... Tem umas que são verdadeiras realmente.

F.H. – Essa que ele fala de você, você sabe qual era?

M.F. – Eu sei, eu sei. Eu precisava assim... A minha mãe chegou para mim e falou: “Filho, você vai encontrar com o homem que manda no Brasil. Os teus dois irmãos fizeram concurso federal, passaram tudo e até agora não chamaram. Não chamaram eles. Vê o que tu pode fazer.” [Risos] Aí eu assim: “Caramba, vamos visitar o presidente da República.” Aí na hora que o João Goulart estendeu a mão para mim, eu já estava com um bilhete ali com o nome dos meus dois irmãos. “Porto Alegre, concurso federal, pá, pá...” Quando ele estendeu a minha mão, eu já levei o bilhete e botei na mão dele. [Risos] Ele até se assustou. “Ô, presidente, me desculpe, mas vê o que o senhor pode fazer aí por isso aqui, ó.” Aí ele olhou o bilhete, chamou o assessor: “Pega aí o pedido do Mengalvio.” [Risos] Isso aí foi verdade.

F.H. – E deu certo?

M.F. – Deu certo. Eles foram funcionários federais. Mas não era para passar. Eles já eram concursados já. O problema é que não chamavam eles. E qual o mal que tinha?

F.H. – Só avisar o homem, não é?

M.F. – Nunca mais falei com ele sobre isso aí. Ele nem... Deixa para lá. Mas aconteceu esse lance, entendeu?

F.H. – E aí no de 1962 você já falou do título de 1963. Mas em 1962, tem os jogos contra o Benfica também, não é?

M.F. – Em 1962. Eu joguei no Maracanã, que nós ganhamos de 3x2 e foi um jogo difícil. Nós estávamos ganhando de 2x0, eles empataram, depois nós ganhamos de 3x2. Eu vinha de uma contusão no tornozelo. Tinha sempre problema de



tornozelo. E nesse jogo, eu não estava bem fisicamente. Mas ganhamos o jogo, o primeiro. Aí no segundo jogo, foi lá em...

J.A. – Cidade da Luz.

M.F. - ...Portugal, e o Benfica estava cheio de máscara. O Eusébio, [Coluna], Costa Pereira, achavam que iam ganhar, não sei o que, não sei quê. E nesse jogo, eu não estava muito legal; o treinador me tirou e colocou o Lima no meio do campo. E ia ser um jogo mesmo... Precisava estar fisicamente bem. E o Santos deu show, o Pelé arrebentou nesse jogo lá. Eu não joguei, joguei o primeiro.

F.H. – É. Porque 1962 talvez tenha sido o ano mais brilhante da Seleção de vocês, porque vocês são campeões do mundo com a Seleção, ganham o Paulista, Taça Brasil, Libertadores, [inaudível]. E era tudo nessa coisa que você falou mesmo, você não tinha essa...

M.F. – Essa... Pô, porque hoje pelo amor de Deus, não é? Entendeu? Então, me toquei, não é? Pelo amor de Deus.

F.H. – Um jogo também desse anos que é muito lembrado é o jogo contra o Penharol, que foi um jogo muito confuso.

M.F. – Ah, esse jogo [inaudível], deu de tudo, não é, deu de tudo no primeiro jogo lá na Vila Belmiro, expulsão, perverteram o resultado, uma confusão que... E depois [inaudível] quis jogar de novo. Eu me lembro da confusão que deu, tudo, depois nós fomos jogar lá na... Nós nem jogamos no Uruguai, jogamos em Buenos Aires, onde ganhamos. Ganhamos de 3x0 lá.

F.H. – Como era essa rivalidade assim? Era muito pesada [inaudível]?

M.F. – Até hoje, não é, até hoje existe isso daí. Até hoje eles não querem perder para o Brasil, não é? Eles não querem. O outro dia até o Carlos Alberto falou certo, não é, os argentinos ainda procuram jogar futebol, não é? Embora duro, mas eles procuram jogar futebol. E perdeu, perdeu. Mas o Uruguai, não. Eles querem apelar, eles querem ganhar na... Entendeu? Tem alguns jogadores que querem jogar, mas a maioria é tudo... Pô, não vê o que o Santos padeceu



para ganhar deles? Não tem time. O gozado é... Na nossa opinião, eles não têm assim um time que possa equiparar, mas eles jogam pesado, não é? Não é nem pesado, eles jogam para dar mesmo.

F.H. – E tinha muito isso naquela época? Contusões...

M.F. – Naquela época, nós já sentíamos e continuam os mesmos.

J.A. – Eu acho que era mais pesado naquela época.

M.F. – Não era fácil, não. Eles não deixavam jogar. O que eles faziam conosco, com o Pelé... O cara nem olhava... O escanteio nem olhava para a bola, ele se pendurava no ombro do Pelé para o Pelé não pular. Eu achava gozado eram os juízes, vendo aquelas barbaridades... É que nem... Às vezes, ainda acontece hoje também. Não apitam, não... Se tiver que perder, vamos perder na bola, pô. Entendeu? É, mas vamos jogar na bola, [no pé] . Mas não querer ganhar...

F.H. – E o Santos super vitorioso, continua ganhando tudo. Como fica para você a Seleção, não é? Você foi campeão do mundo, mas pós-1962 se distancia para você, você vai ser convocado, não vai? Como fica?

M.F. – Como assim?

F.H. – Você vai ter outras chances na Seleção?

M.F. – Depois de 1962, 1963, nós já não tivemos muito aquela euforia. Vê a Copa de 1966, tanto é que nem eu nem o Coutinho fomos convocados. Entendeu? Em 1966, eu já não fui convocado nem o Coutinho.

F.H. – Consegue pensar por que isso aconteceu?

M.F. – Não me lembro. Não sei o que houve. Não sei.

F.H. – E [inaudível] continuam etc. São muitos jogos, como você falou, muitos títulos, muitas goleadas, 11x0. São muitos episódios. E como vai sendo para você? Sua vida vai passando, sua vida pessoal muda com isso? Você se casa,

você vai ter filhos. Em que momento isso acontece?

M.F. – Ah, isso é normal, quando você já começa a ser profissional, já tem uma certa condição financeira, não é? Então, é normal o cara formar família, foi o que aconteceu. Eu me casei, formei família; minha esposa, Claudina de Moraes Figueiró, minhas filhas.

F.H. – Você se casou em que período mais ou menos nessa trajetória?

M.F. – Ah, eu não me lembro muito bem, não. Eu só sei que tenho filhas que nasceram em 1967 e...

F.H. – Depois Copa do Mundo já?

M.F. – Já era [inaudível]. Entendeu?

F.H. – E você permaneceu no Santos. Em que momento vai ser essa ruptura que você vai sair? Como vai ser...

M.F. – Da cidade de Santos?

F.H. – É. Do clube. Qual o momento que você vai sair do clube?

M.F. – Como assim?

F.H. – Que você vai mudar de clube?

M.F. – Naquela época?

F.H. – É.

M.F. – Eu só saí quando eu já estava no fim da carreira. Tive problema de joelho, então aí eu saí. Aliás, antes, eu... Foi em 1969, eu fiquei um ano na Colômbia. Depois que eu fiquei um ano na Colômbia, aí eu comecei a ter problema de joelho. Aí eu encerrei.



J.A. – A não convocação de 1966 você achou que foi injustiçado?

M.F. – Não. Não. De jeito nenhum. Tinham bons jogadores na época também. O Gerson já estava jogando, o Gerson foi. Não sei se o Ademir foi. O Lima foi. O Lima foi em 1966.

F.H. – Foi uma convocação bem grande, não é? Chamaram [inaudível].

M.F. – Foi. Foi uma convocação que eu não tenho plena...

J.A. – Qual foi o teu último jogo na Seleção, Mengalvio?

M.F. – Não me lembro, rapaz. Teve uma excursão em 1963, se eu não me engano. Eu fiz [inaudível] para a Alemanha...

F.H. – É. Você fez uma excursão para a Europa, não é? Jogaram contra a Bélgica, Holanda, Alemanha, Inglaterra...

M.F. – Foi uma excursão muito conturbada, não é? Muito conturbada.

F.H. – Por quê? Algum motivo?

M.F. – É que nós já estávamos há trinta dias com o Santos. Aí depois veio a Seleção para ficar mais trinta dias. E isso aí nos deixou assim... Então, houve muitos problemas físicos, não é, conosco. Muito problema físico. Então, eu joguei alguns jogos. Só me lembro que quando eu joguei contra a Alemanha, ganhamos 2x1 contra a Alemanha. Eu nem me lembro se eu joguei contra a Bélgica. Nós perdemos também. Ganhamos também contra a Inglaterra; parece que nós ganhamos também...

F.H. – Na Itália também.

M.F. – Entendeu? Então, para guardar assim tudo...

J.A. – Mas você ainda sonhava com a Seleção? Ou você achava que [inaudível]

M.F. – Não, não. Já não tinha muito interesse, não. Não tinha muito interesse, não. É complicado Seleção, principalmente no Brasil, não é, porque a quantidade de jogadores... Então, para ser treinador de uma Seleção Brasileira precisa ter assim um equilíbrio muito grande, porque envolve muitas coisas, não é? Então, às vezes querem convocar um fulano gaúcho, querem convocar um mineiro, convocar o pernambucano e... Entendeu? Exige essa cobrança. É complicado, viu? Não é? Se é na Europa, é fácil fazer uma Seleção francesa, fazer uma Seleção... Fácil. Mas no Brasil, com esse tamanho que é.

J.A. – Com tantos jogadores, não é?

M.F. – Tantos jogadores e bons jogadores. Bons jogadores.

F.H. – Mengálvio, nesse período que você está no Santos, o seu último jogo da Seleção foi excursão também... O Santos deixava muito de participar de alguns torneios daqui, dava menos importância do que às excursões.

M.F. – A excursão é que faturava mais, não é? O Santos cobrava uma taxa muito boa, então era interessante excursionar. E esses campeonatos que tinham, esses torneios que tinham não rendiam muito para o clube. Então, não tinha assim propriamente muito interesse, não é, financeiramente.

F.H. – E vocês gostavam das excursões?

M.F. – Claro. Claro. Claro. E não é... Faturava e o time só ganhava, pô. Entendeu? Só ganhava o time. Nós nem lembrávamos de receber o pagamento.

F.H. – [Inaudível]. E bicho, não é?

M.F. – E bicho. É.

F.H. – Você chega a jogar no Grêmio, não é?

M.F. – Três meses no Grêmio. Nós fomos campeões lá. O treinador era o Froner, que estava lá no Grêmio. E como ele queria conseguir o título e tal e estava tendo dificuldade, o Froner me sondou e perguntou se eu queria ficar três meses lá com ele e tal, eu fui. A minha esposa estava comigo já, aquela minha filha lá era



menor, Fabiana. Entendeu? Ela estava ainda pequena. Fiquei três meses lá e nós fomos campeões. Ou hexacampeão, não sei. Carlos Froner.

F.H. – Aí você voltou para o Santos...

M.F. – Depois eu voltei para o Santos, fiquei um pouco e depois para a Colômbia.

J.A. – Você só foi para o Grêmio porque achou que o seu ciclo no Santos já estava...

M.F. – Mais ou menos. Estava chegando no auge já. O que tinha que dar já deu. Entendeu? Isso é normal. Eles já tinham contratado vários jogadores e tudo. Até na diretoria, estava mudando de diretoria e tudo. Isso é normal.

F.H. – E aí você encerra essa carreira lá na Colômbia?

M.F. – Na Colômbia.

F.H. – Levou a família inteira também.

M.F. – Levei a patroa, levei as filhas. E fiquei um ano lá.

F.H. – Como era esse futebol colombiano naquele momento lá? O nível era muito diferente? Como foi essa adaptação?

M.F. – O futebol colombiano sempre foi tecnicamente. Eles tinham afinidade, aparência com o futebol brasileiro, não é? Os jogadores eram habilidosos. Eu fui jogar no [inaudível], em Bogotá. Eles foram vice-campeão naquela época me parece. Lá eu conheci o goleiro argentino [Carrísino]. O Carrísino chegou a ser contratado pelo [inaudível].

F.H. – Também estava terminando a carreira.

M.F. – Também. Também.

F.H. – Do Boca, não é?

M.F. – O Carrísino era do [inaudível].

F.H. – Isso, do [inaudível]. E uma coisa que nós temos perguntado para todos os jogadores é como é essa decisão de parar? Esse momento, não é? Para você até você era novo, você tinha [30] anos.

M.F. – Como eu falei, eu comecei a ter problema de joelho, não é, já naquela época.

F.H. – Tranquilo assim? “Ah, agora eu vou parar...”

M.F. – Não é que nós não queiramos parar; é obrigado a parar. Eu admiro muito quando vejo jogador aí com 35 jogando ainda. Admiro.

F.H. – Foi um problema então só de saúde.

M.F. – Só de saúde. Problema de contusão.

J.A. – Você teria continuado?

M.F. – Ah, claro.

J.A. – Mas teria continuado na Colômbia ou teria tentado voltar?

M.F. – Depende, não é? Depende.

F.H. – Existe uma preocupação, não é, porque você chegou lá no Aymoré muito jovem. Então, você praticamente teve aquela passagem no Exército, só jogou futebol e com 31 anos, essa profissão que você teve até então acabou. E aí o que vai fazer nesse momento?

M.F. – Ué, “o que vai fazer?” Nós temos que seguir outras carreiras, outras profissões. Eu fui corretor de seguro, trabalhei na Eletropol, trabalhei na prefeitura na Secretaria de Esporte. Deixar de trabalhar, nós nunca deixamos.



Está certo que sente um pouco de dificuldade, mas é a nova etapa da sua vida. E você tem que seguir.

F.H. – Mas com o futebol você...

M.F. – Futebol deu um pouco, porque eu trabalhei no Santos durante três anos na Comissão Técnica lá, não é?

F.H. – Logo depois de parar?

M.F. – Mais ou menos. Um ano, dois anos depois. Depois fui treinar o Minense de Lins, treinei a Francana também. Depois eu vi que não levava... Entendeu? Tem que falar muita mentira, falar isso, falar aquilo. Eu não sou de muito papo, entendeu? Então, sabe de uma coisa: eu posso participar de uma Comissão Técnica, mas dizer assim, chegar e ficar dialogando com jogador toda hora, cronista, radialista, isso aí... Antes de sermos malcriados, então é melhor... Não é? Malcriado que eu digo é nervoso, querer dar satisfação disso, dar satisfação daquilo, que fez isso, fez aquilo. Treinador tem que fazer isso. Ele tem que ter um espírito para atender todo mundo, torcedor, cronista, radialista. Se não tiver isso, então, larga, não é?

F.H. – Teve essa dificuldade para ser treinador, então.

M.F. – É. É muita dor de cabeça. [Riso]

F.H. – Mengalvio, mas como fica a sua leitura da Seleção depois que você passa? Continua acompanhando a Seleção? O que você achou dos outros times que vieram? Piores? O futebol mesmo da Seleção?

M.F. – O futebol é que nem eu falo, houve uma mudança muito grande. Na minha época, nós procurávamos da melhor forma possível o seguinte: dois, três toques tinha que estar lá, [pedido] de gol, entendeu? Eu noto essa mudança agora, que houve taticamente, não é? Você pega a bola dali, daqui; dali, dali e tal até chegar lá. Na minha época, não tinha nada disso. Era dois, três toques, a bola já tinha que estar lá. O Pelé dificilmente atrasava uma bola, ou dava de lado, ou dava isso. Enquanto ele não arrumava um esquema para

ir para frente... Entendeu? Hoje, não. Hoje é de lado aqui, de lado ali, ali, ali... Então, eu noto essa diferença que tem no futebol hoje. E preparo físico, preparo físico. Nós tínhamos a mentalidade de fazer a bola correr. Hoje, não, o jogador corre mais do que a bola. Dá mais carrinho do que nós dávamos. Era difícil nós darmos carrinho. Hoje, carrinho na maior facilidade que tem. Entendeu? Então, tem gente boa que eu gosto de ver jogar. Mas o estilo de jogar já mudou muito. Entendeu?

F.H. – Entendi. Mas você continua acompanhando futebol...

M.F. – Eu acompanho, vejo essas equipes que estão vindo, que estão apresentando um bom futebol. Eu acompanho, mas que em si o futebol mudou muito mudou. O jogador corre que nem está correndo a São Silvestre. Futebol tem que ser um pouco veloz? Tem que ser veloz, tudo. Pô, mas procurar correr mais a bola, não é?

J.A. – Mengalvio, eu concordo quando você disse mais atrás que a Seleção de 1958 foi importantíssima para o futebol brasileiro, mas existe essa polêmica de qual foi a melhor Seleção, a de 1958 ou a de 1970?

M.F. – É o que eu falo, não dá para comparar. Entendeu? Não tem comparação. A de 1958 é de 1958, eu não vou comparar se o Didi foi melhor que o Gerson, se o Gerson foi melhor que o Didi. Enfim... Entendeu? Não dá para comparar.

J.A. – Mas sem ser individualmente, em conjunto.

M.F. – em conjunto?

J.A. – É.

M.F. – Tecnicamente, teve grandes... Em 1970, eu acho que teve mais jogadores tecnicamente melhor do que em 1958. A de 1970. Entendeu? Teve um pouco mais jogadores tecnicamente mais do que a de 1958, na minha opinião. Agora, eu não posso chegar: “Ah, fulano foi melhor que ciclano.” Não. É estilo diferente. Rivelino é um estilo diferente de um Didi. Jogador rápido, jogador que dribla

rápido. Certo?

J.A. – Completamente.

M.F. – Estilo diferente.

F.H. – E pensando nessa Seleção de hoje, você consegue organizar o que você achar, esperar dessa Seleção?

M.F. – Não está dando para organizar nada. [Risos] Eu não estou entendendo nada ainda o que vai ser formado ali. O Menezes está vendo a melhor forma possível de criar uma Seleção que realmente chegue lá, não é? Uma coisa é certa: tem que ter espírito de Seleção o jogador. Tem que ter espírito de Seleção. Se não tiver espírito de Seleção, é jogo duro, viu?

J.A. – Aquele ataque do Santos: [inaudível], Mengalvio e Coutinho [inaudível], vocês fizeram 2.092 gols enquanto jogaram juntos. Você acha que foi o melhor ataque do mundo?

M.F. – [Risos] Para mim, eu que vou perguntar? [Risos] Eu não posso dizer que... É melhor eu mascarado para dizer que foi o melhor do mundo. Não posso dizer.

J.A. – Por que não?

M.F. – Eu acho que quem tem que dizer isso aí são os que viram, sabe? Os que viram nós jogarmos. Não sou eu que vou dizer que eu fui o melhor, o [Durval] foi o melhor, o Coutinho foi o melhor. Na minha opinião, foi um ataque que nós não vamos esquecer nunca. Agora, é difícil eu chegar: “Oh, foi o melhor.” Na minha opinião.

F.H. – Você acha possível algum time chegar tão perto do que foi o time do Santos do qual você fez parte hoje assim?

M.F. – Eu acho que é um pouco difícil, sabe? Um pouco difícil, na minha opinião,

não é? O nosso time foi realmente fora de série, embora tem muita gente que já foi para o além, não é, que viram. Então, são poucas pessoas que viram. Mas aqueles que viram e que ainda estão aí é que podem falar também.

F.H. – Vão levar para sempre, não é? Mengalvio, para encerrar, nós temos feito uma pergunta para todos os entrevistados, que é sobre a Copa de 2014. Nós estamos aí a três anos dela, o Brasil já sediou uma Copa em 1950, vai sediar outra em 2014. Qual a expectativa você tem para esse evento em que todo mundo vai estar... Você que participou de Copa do Mundo, jogou tanto tempo?

M.F. – Vai ser uma... Muitos criticam, muitos falam isso, falam aquilo... Quem fez uma Copa que não tinha tanta... Está certo? Era outra época, tudo, em 1950. Agora, nós estamos para essa de 2014 e não fazer uma Copa aqui no Brasil, porque é isso, é aquilo. Eu acho isso aí ridículo. O Brasil tem que fazer essa Copa. Não é cabível, se nós fizemos em 1950, por que não vamos fazer agora? Agora, tem que saber, não é? Tem que organizar, tem que fazer da melhor forma possível para nós não fazermos vexame. Mas que eu acho que é válido nós fazermos uma Copa do Mundo aqui no Brasil é.

F.H. – As coisas vão acontecer tranquilamente?

M.F. – É. Tem que fazer. Não tem cabimento. Se não vão achar que é um país super atrasado.

J.A. – E você acha que nós conseguimos formar uma boa Seleção?

M.F. – É complicado. É difícil. Está difícil. Sabe por que está difícil? Porque muita cobrança, ninguém tem paciência. O treinador quer formar um time, mas eles querem logo resultado imediato. Querem que ganhe, querem isso, querem aquilo. Então, isso aí complica muito. Complica. Então, para fazer uma Seleção assim ideal como nós queremos está complicado, na minha opinião.

J.A. – Será que nós vamos fazer festa para os outros?

M.F. – Não. Não é que seja fazer festa, mas tem que agilizar e ver a melhor maneira de trabalhar e criar um ambiente favorável para nós não fazermos



vexame, não é? Certo?

J.A. – Certíssimo. [Riso]

F.H. – Acho que é isso. Muito obrigado, Mengalvio.

M.F. – De nada. Eu fico agradecido aí. Quando precisar, é só ligar para a minha assessoria lá. A minha assessoria está lá, ó. Entendeu?

F.H. – Muito obrigado.

M.F. – Está bom?

F.H. – Está ótimo.

[FINAL DO ARQUIVO II - FIM DO DEPOIMENTO]